



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



A Arte e Visão Mística de Margarida do Apocalipse

Neste mês de regresso ao trabalho e às aulas, convido a uma reflexão sobre o labor, empenhado e persistente, de Madre Margarida do Apocalipse, uma mulher notável que criou com as suas próprias mãos um tesouro único do património cultural dos Açores: o Arcano Místico.

É uma obra de arte singular, composta por um conjunto de perto de 4 000 figuras em miniatura (de 10 a 200 mm) que retratam mais de 90 cenas da Bíblia, que a própria Margarida chamou “os mistérios mais importantes do velho e novo testamento” no seu testamento. Esta admirável escultura religiosa é da primeira metade do século XIX, e está hoje exposta na Casa do Arcano, a casa onde ela viveu na Ribeira Grande. Mas quem foi esta artista, movida pelo fervor e pela fé, que dedicou a sua vida a criar esta obra única? Nasceu Margarida Isabel, em 1779, numa das principais famílias ribeirão-grandes. Tornou-se freira em 1800, e acrescentou Apocalipse ao nome. Quando os conventos foram extintos em 1832, voltou à casa da família, onde viveu até 1858, morrendo aos 79 anos.

E que materiais utilizou esta mulher, numa altura em que nem se pensava em lojas de bricolagem ou de artes? Apenas cinco figuras são de barro. As restantes foram feitas à base de farinha, goma-arábica e vidro moído, e uma profusão de materiais naturais compõe os muitos pormenores: conchas, musgos, pedaços de árvores, etc.

Assim, aliando a sua visão mística a anos de trabalho, Margarida moldou o seu Arcano, palavra que significa o misterioso e enigmático. ♦

Para que a igualdade tenha cada vez mais lugar

A luta pela Igualdade passou por aqui. Ponta Delgada, de novo, em Marcha LGBT, pois as discriminações persistem. Continua a ser preciso afirmar a dignidade e os direitos humanos!

PEDRO MORAIS
PONTA DELGADA LGBT

No dia 1 de Setembro de 2018, o movimento comunitário em prol da comunidade LGBT e em prol da igualdade de género, o Ponta Delgada LGBT, realizou a sua primeira marcha do orgulho LGBT, o “PDL PRIDE ‘18”.

Teve lugar nas Portas do Mar, no Tentorium, sendo que começou primeiro com um período de discursos, havendo a intervenção de Clárisse Canha, da UMAR Açores, Jason Chue, o cônsul do Consulado dos EUA, Terry Portugal Costa, representante da Pride Azores e o Presidente e porta-voz do Ponta Delgada LGBT, Pedro Morais.

A marcha, onde estiveram cerca de 60 pessoas, contou com o apoio de diferentes entidades.

A marcha teve o apoio de di-



DIREITOS RESERVADOS



versas instituições, como a Associação Portas do Mar, a APAV Açores, o Novo Dia/CIPA, a UMAR-Açores, a ILGA Portugal, a Associação Abraço, assim

como a Rádio Atlântida, a 105 FM, o Açoriano Oriental, o portal de notícias LGBT, Dezanove e entre muitas outras organizações, que demonstraram o seu apoio na divulgação e concretização da Marcha.

Para o ano de 2019, haverá uma segunda edição do “PDL PRIDE”.

O Ponta Delgada LGBT trabalhará com todos os esforços para que a igualdade tenha cada vez mais lugar em Ponta Delgada, em São Miguel e nos Açores. ♦

Dia Municipal para a Igualdade Somos todos/as diferentes e somos todos/as iguais

ACEESA, Associação Centro de Estudos de Economia Solidária do Atlântico, no âmbito da sua política de atuação na promoção da Economia Solidária, colabora nas respostas para a efetivação dos direitos sociais, com vista à promoção da igualdade de oportunidades. Integramos novamente a Comissão coordenadora do Dia Municipal para a Igualdade, a celebrar no dia 24 de outubro, merecendo o apoio do Governo Regional dos Açores.

Centenas de organizações da sociedade civil do território português são convidadas a promover ações de valorização dos direitos humanos contrapondo o fenómeno das discriminações e das violações aos princípios e liberdades à dignidade do ser humano. Ações que este ano estarão concertadas com a iniciativa Pelo Combate à Pobreza e à Exclusão Social, na semana de 17 a 24 de Outubro. Aceite o nosso convite e mobilize-se para uma ação civil com numa iniciativa em qualquer localidade.

Contate-nos:
ceesageral@gmail.com
Telefone: 296099433
Pela Entidade Coordenadora ACEESA - Catarina T. Ferreira Pacheco Borges

Setembro 2018

Janela sobre o passado...

Enquanto nos EUA, o associativismo fora fundamental na afirmação dos movimentos feminista e sufragista, na Europa de finais do século XIX e inícios do século XX, o debate público, sobre os direitos da mulher, assumiu também uma grande importância. A discussão da “questão feminina” ocupava ativistas, escritores, educadores, artistas, cientistas, socialistas e muitos outros círculos de debate, incluindo a própria imprensa humorista. A revista britânica Punch, em princípios da década de 90, caricaturava mulheres fortes e atléticas, praticando ciclismo ou cricket, com uma postura bastante masculina. Dizia-se, aliás, que a bicicleta se tornara no engenho da libertação feminina, obrigando, inclusive, ao uso de indumentárias modernas e ousadas.



SUSANA
SERPA SILVA

Cada vez mais se falava da “nova mulher”, termo utilizado, pela primeira vez, em 1894, pela escritora britânica Sarah Grand. O que se entendia por “nova mulher”? Era aquela que se negava a ser tratada como uma máquina de procriação e que procurava afirmar-se fora do âmbito do mundo que, então, se considerava

feminino. Foi precisamente este conceito que representou Nora, a heroína da controversa peça de teatro, intitulada Casa de Bonecas, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen e que foi apresentada em Londres, Paris, Berlim e Viena. Se para uma boa parte da sociedade europeia de fim de século, Nora era a personificação do egoísmo, da irracionalidade e do desvio às normas, para os feministas (pois podem-se incluir alguns ho-



Henrik Ibsen (1828-1906).
É considerado um dos precursores do modernismo no teatro.
Disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Henrik-ibsen>

mens), Nora ilustrava o degradante papel a que muitas mulheres eram votadas, por serem tratadas como bonecas-filhas ou bonecas-esposas. As críticas ao matrimónio, avançadas por algumas feministas radicais, agudizaram os antagonismos e, por isso, as campanhas feministas e, sobretudo, sufragistas depararam-se com uma forte oposição, em diferentes países da Europa. A medida que os vocábulos “feminista” e “feminismo” se iam vulgarizando, a par do surgimento de organizações nacionais e internacionais, as correntes contrárias à emancipação feminina também se avolumavam e faziam sentir a sua voz. ♦

susana.pf.silva@uac.pt